SIMON SCHWARTZMAN

Novo modelo para a ciência e tecnolgia

O modelo de ciência e tecnologia brasileiro ainda é em grande parte o da década de 70, que teve seu apogeu no governo Geisel, e veio se deteriorando progressivamente a partir do governo Figueiredo. A idéia daqueles anos era que o Brasil vivia sob o cerco tecnológico das grandes potências, que negavam ao país seus meios de defesa e as tecnologias necessárias para seu desenvolvimento econômico. Este cerco deveria ser rompido por grandes investimentos em altas tecnologias, sobretudo de natureza militar, e pela expansão da comunidade científica e tecnológica do país. O resultado desta visão foi paradoxal.

A preocupação com os grandes projetos e as tecnologias de ponta impediram uma política tecnológica orientada para a capacitação técnica da base do sistema produtivo; enquanto a área científica teve o tratamento do "infant industries", a serem protegidas com subsídios e critérios relativizados de qualidade, longe dos rigores da competitividade internacional. Mais seriamente, os investimentos na pós-graduação e nas altas tecnologias não foram acompanhados de esforço similar para a melhoria do sistema educacional, das universidades às escolas de primeiro grau. Neste processo, houve muitas iniciativas de valor, e o Brasil foi capaz de desenvolver competência técnica e científica em muitas áreas, que são hoje um patrimônio importante a ser preservado. Mas, na medida em que o projeto de "Brasil Grande" se esvaía, a área científica e tecnológica se isolava, e se transformava cada vez mais em uma combinação de elefantes brancos tecnológicos, de um lado, e alguns milhares de pesquisadores desassistidos de outro, disputando com a saúde, o ensino e outros grupos de interesse os recursos mínimos para sua sobrevivência.

Em vez de comunidade científica mendicante, profissionais valorizados

Se o antigo modelo está esgotado, a necessidade de um sistema de ciência e tecnologia competente é hoje maior do que nunca. O "cerco tecnológico" dos países ricos, se ainda existe, não reside na negativa em ceder algumas tecnologias de potencial uso militar, nem no patenteamento de produtos e processos desenvolvidos em seus laboratórios e empresas. Ele consiste, sobretudo, na incapacidade que o país tem de obsorver o fluxo de conhecimentos disponíveis no sistema internacional, pelo baixo nível educacional de nossa população, e o baixo nível técnico de grande parte de nossa indústria.

Ainda que patentes e segredos militares continuem a existir, o conhecimento técnico não é uma jóia que se guarda em um cofre, que se vende ou se transfere a peso de ouro. Ele é, sobretudo, uma potencialidade que reside na cabeça das pessoas e na cultura organizacional das instituições de ensino, de pesquisa e de produção onde elas trabalham.

O novo modelo de ciência e tecnologia de que o país necessita é o oposto daquele implantado nos anos 70. Em vez de grandes projetos tecnológicos, a criação de mecanismos e estímulos para o desenvolvimento da capacidade de absorção de novos conhecimentos e competências pelo sistema produtivo como um todo (não é verdade, como se argumentava, que as tecnologias dos grandes projetos filtrem e se espalhem de forma significativa para o resto do sistema produtivo).

Em vez de uma comunidade científica protegida da competição internacional, padrões estritos de qualidade no apoio à pesquisa básica, aos cursos de pós-graduação e às bolsas no exterior. Em vez do isoladamento, a criação de vínculos intensos entre as instituições de pesquisa, por um lado, e o sistema educacional, de outro. Em vez de grandes burocracias federais de planejamento centralizado, mecanismos descentralizados de decisão, baseados na participiação ativa de produtores e usuários do conhecimento. Em vez de uma comunidade científica lobista e mendicante de recursos, profissionais estimados e valorizados por suas contribuições efetivas, não ao Brasil do futuro, mas ao Brasil de agora.

Fazer esta transformação seria uma tarefa impossível, se já não existissem muitos exemplos de iniciativas novas e promissoras, e um número crescente de pessoas empenhadas nesta tarefa inovadora. Este ano de transição política, em que se começa a vislumbrar a possibilidade de que o país reencontre seus caminhos, é um bom momento para repensarmos também a questão da competência de nossa população e de nossa economia. Que propostas têm sobre isto os candidatos ao governo, que pensam seus partidos?

■ *Simon Schwartzman é pesquisador da Fundação Getúlio Vargas e professor da USP.*

■ **Joelmir Beting volta a publicar sua coluna amanhã.**

BORIS TABACOF